

**De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-
formação no Colégio de Aplicação da UFSC**

*From a supervised internship project to co-teaching and co-training at an
elementary school (Colégio de Aplicação, UFSC)*

Jilvania L. S. Bazzo
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Lara Duarte Souto-Maior
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – CA/UFSC
Alba Regina Battisti de Souza
Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc
Florianópolis - Santa Catarina – Brasil

Resumo

Neste artigo, apresentamos um estudo sobre o estágio curricular com foco na co-docência e co-
formação, que fundamentam a concepção do projeto de estágio realizado com os 4^{os} e 5^{os} anos no
Colégio de Aplicação da UFSC. Há dupla finalidade: debater princípios basilares para a formação
docente e sistematizar conhecimentos produzidos no período de 2016 a 2018, com vistas a fortalecer
ainda mais os vínculos interinstitucionais entre UFSC e Udesc. Abordagem qualitativa orientada
pelos critérios da pesquisa exploratória e documental, as ações do estágio se traduzem como o
campo empírico de ação e investigação. Os resultados apontam que quanto maior conjugação
colaborativa, articulada a um plano mais amplo de mudança social, entre o campo de estágio e a
instituição formadora maior será a efetividade na formação docente por estar comprometida com
uma Didática crítica, sensível e emancipadora.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Co-docência; Formação de Professores.

Abstract

In this paper, we describe a study on a supervised curricular internship focusing on co-teaching and
co-training, which guides the conception of the internship project carried out with the fourth- and
fifth-year pupils at Colégio de Aplicação, UFSC. The goals are: to reflect on the basic principles of
teacher training and to systematize the knowledge gained from 2016 to 2018. A qualitative approach
guided by the criteria of exploratory and documentary research, the internship activities translate
into the empirical field of action and investigation. The results indicate that the greater the
collaborative association, combined with a broader plan of social exchange between the internship
field of action and the larger educational institution, the more effective the teacher training will be,
since it is committed to a critical, sensitive and emancipating didactic strategy and theory.

Keywords: Supervised Internship; Co-teaching; Teacher training.

1. Introdução

A formação de novos/as docentes representa um grande desafio na atualidade, entre as políticas públicas e a legislação vigente, estão as demandas concretas pulsando no cotidiano das instituições escolares e agências formadoras, agravadas pelas perdas dos direitos trabalhistas e pela crise ética nas relações sociais em curso na República Federativa do Brasil, a partir do impedimento da continuidade do mandato de Dilma Vana Rousseff como presidenta eleita pelo voto popular, em 31 de agosto de 2016, o que tem sido considerado por especialistas da área de ciências política e sociais como um golpe midiático, jurídico e político-parlamentar (JINKINGS, DORIA e CLETO, 2016).

Com a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica (BRASIL, 2017a), sobretudo, referente às exigências das horas destinadas à realização do estágio curricular obrigatórioⁱ, as instituições de ensino vêm sendo desafiadas a aprimorar seus projetos de acolhimento, planejamento e avaliação do exercício profissional docente. Pela possibilidade de contribuir para o aperfeiçoamento desses projetos, mediante sistematização e socialização das experiências realizadas no período de 2016 a 2018 razão do estágio curricular obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nós nos propomos a discutir sobre essa tão importante atividade acadêmica sob a perspectiva de co-docência e co-formaçãoⁱⁱ.

Trata-se de um recorte teórico que concebe a prática pedagógica e a Didática como centrais para o desenvolvimento das pesquisas na área de formação de professores ao mesmo tempo em que são traduzidas como campo de investigação capazes de atender aos propósitos deste trabalho, cujo objeto é o estágio curricular supervisionado realizado pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA-UFSC). Por essas razões se constitui em uma pesquisa colaborativa, uma vez que sua origem deriva de uma parceria entre as docentes que atuam na agência formadora e na instituição campo de estágio.

Para Desgagné (1998), na pesquisa colaborativa os conhecimentos são elaborados de forma articulada com a realidade e, segundo Ibiapina (2008), afastam-se da ideia de pesquisar sobre o professor, para centrar-se no “pesquisar com o professor”. Também possui um viés documental uma vez que se valem dos projetos de estágio, relatórios, diários de campo e registros de avaliação como importantes fontes de pesquisa. Assumimos, por

isso, que há um conjunto de saberes estabelecidos pela prática docente, afetada, derivada e atravessada por meio da multiplicidade de perspectivas teóricas pertinentes ao âmbito educacional, assim como existe uma necessidade de criar mecanismos de promoção da reflexão crítica advinda dos conhecimentos produzidos pela triangulação entre ensino, pesquisa e extensão no interior das escolas de educação básica.

Ao apresentar esse estudo sobre o estágio curricular supervisionado com foco na proposta de co-docência e co-formação, cujos fundamentos teóricos e metodológicos que orientam a concepção do projeto de estágio se assentam nos princípios de uma formação emancipatória, interessa-nos responder: como se ensina e se aprende no estágio supervisionado? O que se ensina aos professores e professorasⁱⁱⁱ durante esse momento tão importante e também privilegiado de indissociabilidade entre teoria e prática? O que se aprende? Por que, para que e a quem se destinam esses processos?

Diante dessas problematizações, recorreremos aos documentos produzidos durante esse período, tais como: planos de docência, relatórios parciais e finais, cadernos de aprendizagem, assim como relatos e demais produções realizadas pelas estagiárias e pelas crianças, a fim de discutir sobre o estágio curricular obrigatório a partir do exercício da co-docência e da co-formação, principalmente porque poderá contribuir para a qualificação e o fortalecimento de práticas educativas colaborativas.

A relação teoria e prática como referência do trabalho e da formação docente se ampara em diversos debates e estudos acadêmicos divulgados há algum tempo, cuja ressonância no meio acadêmico parece ainda não ecoar o suficiente para alterar os currículos e as dinâmicas dos estágios. Sobre a pouca ou quase inexistente alteração nas relações pedagógicas, podemos apresentar uma constatação recorrente: embora os/as futuros/as docentes sejam estudantes de longa data, o contato mais efetivo com a atuação docente profissional ocorre por meio dos estágios curriculares, em geral organizados de forma pontual e dispersa, diminuindo assim uma vivência mais contínua com uma das grandes fontes da base de conhecimento para a atividade de ensinar, o que para Shulman (2014) é uma sabedoria derivada da própria prática e oriunda das representações codificadas da sabedoria pedagógica, que é adquirida da própria prática docente.

Para tanto, iniciaremos com a discussão sobre o projeto de estágio curricular obrigatório, apresentando em linhas gerais os fundamentos que o conduzem, visando

refletir acerca dos tempos e espaços da ação docente realizada no período. Na sequência, articulando esses dois conceitos-chave, advogamos em favor de um projeto emancipatório possível mediante o estágio curricular, por acreditar que os princípios constitutivos da co-docência e da co-formação podem restringir o trabalho solitário, conflituoso e tenso, ajudando a fortalecer a concepção de docência solidária, responsável e comprometida com a formação integral de todos os sujeitos nela envolvida; podem também construir uma maior integração entre agências formadoras e instituições campo de estágio; podem ainda valorizar e sistematizar os conhecimentos docentes advindos da prática e da experiência; assim como podem propiciar ao processo de transição do estudante para o profissional docente de forma mais contextualizada e com base numa relação dialética entre teoria e prática, importante referência para este estudo.

2. Estágio curricular obrigatório: dos fundamentos teóricos e metodológicos

E dou-lhe tudo, totalmente. Mas me traga chuva, uma porção de chuva boa, grossa e gorda. Estou doido? Por causa de querer que chova aqui, dentro da prisão? Pode ser, pode ser loucura. Mas a loucura é a única que gosta de mim. O senhor que é um inventor de realidades, me faça esse favor. Me invente, rápido, uma urgente chuvinha. (COUTO, 2014, p.25).

De forma bastante singela, tal qual o pedido inusitado do “preso para o doutor”, em “A última chuva do prisioneiro”, conto de Mia Couto (2014) que abre a discussão sobre os fundamentos teóricos e metodológicos do projeto de estágio, apresentaremos algumas reflexões na esperança que se tornem “semeadura de nuvens” e, quiçá, possam atender ao requerimento daquelas pessoas que, junto conosco, sonham e desejam que se façam “chover”... uma urgente chuvinha!

Para começar, é preciso ratificar a responsabilidade conjunta entre a Universidade e a Escola com a formação profissional das futuras professoras, isto é, o estágio curricular ocorre fundamentado em uma premissa de que a professora universitária – orientadora do estágio, e as professoras dos Anos Iniciais – supervisoras *in loco*, são formadoras das futuras professoras/pedagogas. Uma reconhece a qualidade do trabalho da outra e ambas atuam no estágio como co-docentes, portanto, a co-docência acontece na tríade: professora da universidade, professora dos Anos Iniciais e futura professora (estagiária).

Sendo redesenhada numa perspectiva integrada e colaborativa, a partir de interlocuções entre as professoras orientadoras e professoras supervisoras de campo,

destacamos que, nesta proposta de estágio ora em investigação, consta que as docentes têm um tempo expressivo de experiência com os estágios supervisionados, superior a quinze anos de atuação na área. Tal característica favorece, sem dúvida, a junção de esforços e parcerias indo além dos encaminhamentos formais e pedagógicos rotineiros, especialmente porque guiados pelos princípios formativos da co-docência da co-formação.

Ademais, acrescenta-se ainda o papel do co-formador como uma referência profissional, um mediador dos conhecimentos da prática, de suma importância para o processo de transição da condição de estudantes para professores/as, pois a guisa de exemplo, a relação entre as estagiárias no momento de assumirem uma turma, planejarem as aulas, ou seja, definirem os conteúdos, os objetivos, as estratégias de ensino e aprendizagem, os critérios e os instrumentos de avaliação etc., e a professora experiente proporciona de forma inigualável o desenvolvimento de capacidades cognitivas, afetivas e modos de lidar únicos no contexto da docência. Essa perspectiva de trabalho está amparada numa proposta na qual a formação é para todas as pessoas que dela fazem parte, a aprendizagem também é para todas, o que se faz premente refletir sobre as impressões, as observações e os registros das estudantes estagiárias em relação à dinâmica da sala de aula e da instituição sem reduzir a experiência “da crítica pela crítica”.

Neste ponto, cabe destacar que o estágio acontece dentro de um processo em que as estagiárias chegam à escola compreendendo a função social da escola, sua responsabilidade como profissional da educação em formação comprometidas com o conhecimento científico, filosófico e artístico, sobretudo, de sua importância para a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento integral da pessoa humana. Elas sabem, por sua vez, que a tarefa é complexa e exige atenção, cuidado e escuta para saber o que desejam as crianças, conhecer seus sonhos, aspirações e brincadeiras, também seus limites, possibilidades e desafios. As estudantes compreendem o valor da escola para a transformação de uma sociedade e procuram com o seu trabalho, junto conosco, na condição de aprendizes, ler os contextos, analisá-los com suporte teórico e, após partilhar sua leitura e ouvir pontos de vista diferenciados, apresentar um plano de trabalho, conforme pode ser observado nos quadros a seguir apresentados:

De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-formação no Colégio de Aplicação da UFSC

Quadro 1 – Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais: tempo de acolher, conhecer para ensinar

Atividade	Protagonismo	Objetivo	Local
Estabelecimento do termo de cooperação técnica.	Corpo Diretivo e Pedagógico da Escola. Coordenação de Estágio. Professoras.	Estabelecer o acordo de cooperação técnica acadêmico-científica entre as partes.	Escola.
Assinatura do TCE (Termo de Compromisso de Estágio).	Professoras (da Universidade e da Escola). Estagiárias.	Assinar o TCE. Conhecer a instituição escolar, visando fazer levantamento de possibilidades de uso pedagógico dos seus espaços.	
Reunião docente.	Professoras (da Universidade e da Escola).	Planejar em linhas gerais o desenho do estágio curricular.	
Reunião docente e discente.	Professoras (da Universidade e da Escola). Estagiárias.	Apresentar o Plano de Ensino Anual da Escola e refletir sobre as possibilidades de trabalho com as crianças.	Universidade.
Estudos de textos, audição de vídeos, produção de textos, debates entre outras atividades.	Professoras da Universidade. Estagiárias.	Preparar-se para inserção no campo de estágio.	
Observação e coparticipação em sala de aula.	Estagiárias.	Apresentar-se às crianças. Conhecer os fluxos de tempos, espaços e subjetividades no interior da escola, em especial da sala de aula. Refletir sobre as possibilidades e os desafios da docência.	Escola.
Produção de relatórios parciais na fase do planejamento. Observação: Cada relatório parcial é produzido individualmente e encaminhado à professora orientadora que, ao acolher o texto, indica leituras e pesquisas adicionais, provoca reflexões e cria as condições necessárias para o diálogo coletivo entre as professoras supervisoras <i>in loco</i> e as estagiárias a fim de qualificar ainda mais as práticas instituídas e ao mesmo tempo possibilitar a	Estagiárias.	Discutir teoricamente sobre as produções e os “achados” registrados nos diários de campo, visando ao aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem e à escrita do Plano de estágio docente.	

produção do Plano de estágio docente.			
Reunião docente e discente.	Professoras (da Universidade e da Escola). Estagiárias.	Avaliar e finalizar a primeira etapa do processo com encaminhamentos para sua continuidade.	

Fonte: elaborado pelas autoras (2018)

Eis o **tempo do acolhimento**, que se inicia muito antes do início do estágio supervisionado propriamente dito. Geralmente, ambas as instituições já traçaram um projeto interinstitucional. Mais do que as tratativas e os cumprimentos às normas legais previstas para a formação de professores pelo Ministério de Educação, ele celebra o lugar de estudar, de aprender, de conhecer, de ensinar, de um que-fazer vigoroso, exigente e alegre, assim como valoriza o tempo cronológico disponibilizado para sua realização, as relações interpessoais e aquele tempo imaterial e insubstituível promotor das (belas e não tão belas) lembranças.

Desse modo, quando os/as estudantes, futuros/as estagiários/as, chegam à escola junto com a sua professora orientadora para assinarem os termos de compromisso de estágio, por exemplo, o acolhimento se dá desde o portão de entrada, pois o pessoal da portaria também tem conhecimento do projeto porque dele faz parte. Para os/as acadêmicos/as, poderá ser o primeiro dia, mas para sua professora orientadora, certamente, não. Antes, desse momento, ela já participou de várias reuniões culminando em duas principais que resultaram na assinatura do Acordo de Cooperação Técnica Acadêmico-científica e no delineamento, em linhas gerais, do Plano de Estágio, que consiste no plano de docência e no caderno de atividades, voltado para a sistematização do conhecimento das crianças.

Como pode ser verificado no quadro 1, ao conhecer a instituição, estudá-la e levantar as possibilidades de utilização de seus espaços, os/as acadêmicos/as têm a primeira reunião com as professoras que serão suas supervisoras *in loco*, aprofundam algumas questões-problema surgidas durante esse processo por meio de estudos teóricos, são apresentadas às crianças, iniciam o estágio de observação e co-participante em sala de aula e começam a escrita do relatório parcial do estágio, entregue individual e semanalmente. Ao término dessa etapa, não antes sem ter informado às crianças sobre todo o processo, realiza-se uma

De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-formação no Colégio de Aplicação da UFSC

reunião de trabalho para avaliar as ações efetivadas até o presente e planejar as atividades futuras, visando à elaboração do plano de estágio.

Quadro 2 – Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais: espaço de planejar para ensinar

Atividade	Protagonismo	Objetivos	Local
Estudo teórico e atividades diversas de produção de textos.	Estagiárias. Professora da Universidade.	Solucionar teórica e metodologicamente as questões-problema levantadas no campo de estágio por meio de seminário, roda de conversa, resenha de livros, artigos, audição de vídeos entre outras estratégias.	Universidade.
Produção do Plano de Estágio Docente. Observação: a professora orientadora acompanha a realização do documento por meio das mediações necessárias para sua qualificação e aprovação junto à unidade escolar.	Estagiárias.	Produzir o Plano de estágio, que consiste na elaboração do Projeto de docência e no Caderno de aprendizagem.	
Aprovação do Plano de Estágio Docente.	Professoras (da Universidade e da Escola). Estagiárias.	Analisar, revisar e aprovar o Projeto de docência e o Caderno de aprendizagem.	

Fonte: elaborado pelas autoras (2018)

Nessa fase de planejamento, **tempo do planejar** da ação docente propriamente dito, há uma mudança do espaço: da escola para a universidade. As acadêmicas retomam as produções escritas e as anotações resultantes das reuniões com as professoras supervisoras com vistas à elaboração do plano de estágio, que consiste no Projeto de docência e no Caderno de Aprendizagem.

Há um intenso trabalho de investigação teórica e metodológica para a formulação da proposta. Sobre o projeto, parte-se de uma questão problematizadora, justificando a temática e sua importância para o processo de socialização, aprendizagem e desenvolvimento das crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, são apresentados os objetivos geral e específicos, os conteúdos a serem aprendidos pelas crianças, as estratégias metodológicas com discriminação dos materiais didáticos e o cronograma de execução, a concepção, os critérios e os instrumentos de avaliação, assim como as referências

bibliográficas. Em relação ao Caderno, é um conjunto de atividades sequenciadas, sistemáticas e criativas cujo objetivo é favorecer a aprendizagem das crianças por meio da produção de textos escritos e sistematização do conhecimento de forma diversificada.

Geralmente, as acadêmicas são divididas em dupla ou trio para a realização dessa atividade e das demais que seguirão até o final do estágio. Todo esse processo ocorre presencialmente em sala de aula na universidade e as versões do Plano de Estágio vão sendo acompanhando pelas professoras supervisoras por meio de correio eletrônico até a sua versão final, aprovada por ambas as professoras.

Quadro 3 – Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais: tempo da experiência

Atividade	Protagonismo	Objetivos	Local
Exercício (co)docente.	Estagiárias. Professoras da Escola. Observação: a professora orientadora acompanha o exercício (co)docente por meio das mediações necessárias para sua qualificação.	Concretizar o plano de exercício docente, entendendo-se como profissional da educação em formação inicial em serviço e sob supervisão <i>in loco</i> .	Escola.
Produção de relatórios parciais na fase do exercício (co)docente. Observação: nessa fase do exercício docente, o documento é produzido pelas duplas ou trio de estagiárias e, de igual modo, é encaminhado à professora orientadora que, ao acolher o texto, indica leituras e pesquisas adicionais, provoca reflexões e cria as condições necessárias para o diálogo coletivo entre as professoras supervisoras <i>in loco</i> e as estagiárias a fim de qualificar ainda mais o Plano de Estágio Docente.	Estagiárias. Crianças.	Refletir sobre as produções e os “achados” registrados nos relatórios parciais, visando ao aprimoramento do processo de ensino das estagiárias e de aprendizagem das crianças.	
Avaliação do Estágio. Observação: O instrumento de avaliação é produzido pelas estagiárias, sob orientação.	Crianças. Professoras da escola.	Escrever uma avaliação sobre o estágio supervisionado, buscando evidenciar sua qualidade e o conhecimento adquirido/produzido durante o processo.	
Finalização do Estágio na	Estagiárias.	Realizar com as crianças uma	

De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-formação no Colégio de Aplicação da UFSC

Instituição de Estágio. (Mostra Cultural e Pedagógica)	Crianças.	mostra dos trabalhos realizados durante o estágio, socializando aprendizagens e criando vínculos ainda mais fortes entre as instituições, as famílias, a comunidade universitária e a comunidade externa.	
---	-----------	---	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2018)

No **tempo da experiência**, cujo tópico será ainda mais bem detalhado na próxima seção, as estagiárias retornam à escola junto com a professora orientadora. Dessa vez, as acadêmicas assumem a sala de aula sob a supervisão *in loco* da professora regente e também são acompanhados cotidianamente pela sua professora orientadora. Nesse momento, o processo da co-docência fica ainda mais evidenciado tendo em vista que as estagiárias “ocupam” o lugar de docentes e se sentem efetivamente no exercício da profissão.

Embora saibam teoricamente da importância do planejamento para sua formação, assim como para o êxito do seu trabalho, é recorrente a fala das estudantes com maior propriedade em relação ao sentimento de pertença e de identidade à profissão de professor/a quando estão nesta etapa do estágio.

Como culminância desse processo, os/as estagiários com as crianças participam da Mostra Cultural e Pedagógica, do Ensino Fundamental, Anos Iniciais do CA-UFSC, sendo a temática do evento aquela geradora do Estágio Supervisionado. Como pode ser observado no quadro 3, são realizadas avaliações do estágio pelas crianças e pelas professoras com instrumentos criados pelas estagiárias.

Também nessa fase, são apresentados relatórios parciais para a professora orientadora, sendo que, nesta etapa, eles são feitos pela dupla ou pelo trio de estagiárias. Lembrando que toda a documentação produzida é compartilhada e lida por todas as professoras, assim como se torna objeto de análise e aprofundamentos em reuniões coletivas e/ou atendimentos individualizados.

Quadro 4 – Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais: tempo e espaço de florescências

Atividade	Protagonismo	Objetivo	Local
Produção do Relatório Final.	Estagiárias.	Sistematizar o intenso processo de reflexão, registro e síntese do percurso do Estágio Curricular em Docência por meio de uma	

		fundamentação teórica e metodológica rigorosa e atual na área de Educação, especialmente Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	Universidade.
Avaliação final do Estágio.	Estagiárias. Professoras (da Universidade e da Escola).	Realizar ao longo e ao final do estágio momentos de análise do processo, com foco no processo, na mediação e prospecção.	Escola ou Universidade.
Finalização do Estágio na Universidade.	Estagiárias. Professoras orientadoras.	Apresentar-se no Seminário Final de Estágio Curricular das Licenciaturas.	Universidade.
Difusão do conhecimento.	Estagiárias. Professoras (da Universidade e da Escola).	Divulgar o conhecimento produzido durante o estágio supervisionado por meio de ensaio científico, artigo ou relato de experiência, podendo ser publicado em revistas científicas ou apresentado em congressos da área de Educação, Didática e Formação de Professores.	Periódicos científicos, eventos e outros espaços acadêmicos e de interesse da sociedade.

Fonte: elaborado pelas autoras (2018)

Chegamos quase ao término do estágio supervisionado! É o **tempo das florescências**. Fechamos o ciclo na escola com as crianças e seus familiares, mas ainda faltam concluir algumas atividades no interior da universidade e também dar a devolutiva para a instituição escolar, bem como para a comunidade externa em geral. Por essa razão, há a previsão da produção do relatório e participação no Seminário de Estágio Supervisionado como requisitos parciais para aprovação e conclusão de curso. Faz-se também uma avaliação final do estágio com as professoras e as estagiárias, podendo ser em uma das instituições, com o objetivo de apresentar os aspectos mais relevantes do processo, assim como aqueles que precisam ser mais cuidados e outros a serem implementados.

Essa etapa é extremamente significativa para a realização de estudos sobre a formação inicial das professoras do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, que vem sendo alvo de críticas, especialmente, relativas aos conceitos das diversas áreas do conhecimento que se irá trabalhar. No debate da questão da formação nas áreas específicas de atuação do professor unidocente, por exemplo, Libâneo (2010) discorre sobre a ausência dos fundamentos e metodologias das disciplinas específicas (língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia) nas ementas dos cursos de Pedagogia de diversas instituições de Ensino Superior. Segundo o autor, chama atenção a ênfase e persistência dada ao caráter instrumental e à concepção de Didática centrada na atuação do professor ou nos seus

procedimentos, mas sem incorporar as concepções que unem o ensino à aprendizagem, como a questão das áreas de conhecimento e seus conteúdos específicos ou mesmo a sua relação com a aprendizagem desses conteúdos para a infância. Em poucos casos aparece alguma menção à epistemologia da disciplina, mas raramente em articulação com o conteúdo específico. Outras ementas chegam a fazer menção a conteúdos específicos, mas não os explicitam em termos de conceitos ou mesmo vínculos com a metodologia para os Anos Iniciais.

Para contribuir com a discussão, a seguir, compartilhamos a saída de um ensino solitário (unidocente) para uma experiência da co-docência e co-formação, em que somos muitas professoras cuidando umas das outras, nutrindo-nos com ciência, filosofia, arte e afeto.

3. Breve retrato da co-docência e co-formação: utopia possível

Pois, é do sonho que construímos um fazer, ‘chegamos’ a realidade e, é na realidade, tendo nosso sonho como parâmetro, que poderemos trabalhar o enfrentamento do idealizado, do fantasiado, do imaginado com o real. (FREIRE, 1997, p. 55)

O sonho e o desejo nos impulsionam, nos movem na busca de alguma realização, de algo que nos satisfaça. E, quanta beleza reside no sonho de um/a professor/a, uma vez que sua concretização envolve a formação de pessoas. Madalena Freire (1997, p. 54) afirma que “todo fazer pedagógico nasce de um sonho. Sonho que emerge de uma necessidade, de uma *falta* que nos impulsiona na busca de um fazer”.

No estágio supervisionado, tanto o conjunto de normativas, prazos e exigências quanto as orientações pedagógicas visam a garantir um trabalho voltado para a participação e aprendizagem das crianças. Na experiência, a seguir socializada, é possível perceber a tessitura do processo da co-docência, perseguindo esse trabalho em prol do desenvolvimento das crianças; simultaneamente, visível também a materialização da co-formação docente.

Outrossim, é possível diante dos dados concretos e materiais, considerando as razões históricas, econômicas e sociais que os explicam, observar um programa de esperança e sensibilidade que se contrapõe ao que Paulo Freire (1992, p. 10) denominava “programa da desesperança” como aquele que “nos imobiliza e nos faz sucumbir no

fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo”.

Desenvolvido nos quartos e quintos anos do Ensino Fundamental no CA-UFSC, o Projeto de Docência^{iv} intitulado “A vinda dos açorianos para Santa Catarina: histórias e culturas” enfatizou com as crianças dos quartos anos o processo migratório dos açorianos e a constituição do município de Florianópolis; e com as dos quintos anos focou-se o estado de Santa Catarina.

A partir de uma abordagem histórico-cultural, ao longo de duas semanas, as estagiárias organizaram diversas atividades, articulando e integrando os componentes curriculares – Ciências Humanas e da Natureza, Língua Portuguesa, Matemática e Literatura Oral^v – de sorte a abordar os conhecimentos científicos, literários e filosóficos tendo como objetivo geral: Compreender aspectos históricos, sociais, geográficos e linguísticos da cultura açoriana presentes em Santa Catarina e em Florianópolis, estabelecendo relações entre o passado e o presente através de pesquisas, observações, leituras diversas, registros escritos e outras formas de expressão, comunicação e interação.

Para construir com as crianças uma interpretação de caráter intercultural, no sentido de compreenderem que os açorianos interagiram com a “nova terra”, adaptaram e aprenderam um conjunto de técnicas para lidarem com o clima, solo e mar bastante diferentes do Arquipélago dos Açores, realizaram uma série de atividades, das quais destacamos: pesquisas sobre a vinda dos açorianos, as condições encontradas e as manifestações culturais trazidas e ainda presentes em nosso cotidiano; leituras dos contos de Franklin Cascaes^{vi} baseados em narrativas de descendentes de açorianos; leitura e releitura de imagens representativas da influência da arquitetura açoriana em Santa Catarina e Florianópolis, interpretação de mapas, realização de jogos, exibição de sessões de curtas, expressões teatrais, resolução de situações-problema, visitas a uma mostra fotográfica sobre o Arquipélago dos Açores, na época sediada nas dependências da UFSC, produções textuais diversas e a escrita de uma carta a estudantes de uma escola de Ponte Delgada, Ilha de São Miguel nos Açores (Portugal - PT).

Sobre a escrita da carta, contamos com a valiosa colaboração da professora Maria Isabel^{vii}, da Universidade dos Açores, no contato e mediação com professoras de turmas do nível de escolaridade semelhantes ao das crianças dos quartos e quintos anos do CA-UFSC.

De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-formação no Colégio de Aplicação da UFSC

Assim, sob orientação das estagiárias e acompanhamento das professoras supervisoras, as crianças do CA-UFSC iniciaram a correspondência por carta com os/as estudantes açorianos, que, por sua vez, responderam e fizeram algumas perguntas. Seguem trechos da carta enviada do Brasil:

Caros moradores da Ilha de São Miguel,

Tudo bem com vocês? Nós somos alunos da turma do 4º ano A do Colégio de Aplicação, que fica localizado em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, Brasil. Nós também moramos em uma ilha, assim como vocês, se chama Ilha de Santa Catarina e fica na região sul do Brasil. [...] Agora vamos fazer umas perguntas sobre vocês. Em que parte da Ilha vocês estudam? O que gostam de fazer? Vocês brincam na rua? Que brincadeiras vocês mais gostam? Vocês pescam? As avós de vocês fazem renda? Gostam de futebol? Que time vocês torcem? Que tipo de músicas vocês escutam? Já ouviram músicas do Brasil? Vocês têm vídeo game, celular e internet? Assistem vídeos do YouTube? Alguns de nós temos canal, no final da carta vamos deixar o nome se vocês quiserem se inscrever e assim podemos nos comunicar.

E a resposta dos estudantes do 4º I da Escola Matriz, que pertence à instituição educacional EBI Roberto Ivens de Ponta Delgada:

Estimados colegas,

Nós estamos bem e esperamos que vocês também. Nós vivemos no Arquipélago dos Açores, na ilha de São Miguel que pertence ao grupo Oriental. A nossa escola fica situada na cidade de Ponta Delgada, chama-se EB1/JI de Matriz, e localiza-se na freguesia de São Sebastião. [...] Vivemos na maior ilha do Arquipélago, a mais povoada e conhecida como ilha verde. Ela é maravilhosa, com paisagens deslumbrantes e poderão passar cá umas férias inesquecíveis. Na ilha onde vivemos existem pessoas que moram em casas e outras em apartamentos. Há pessoas que vivem na cidade e outras em zonas mais rurais. As praias são de areia escura, a água é limpa e a sua temperatura é amena. No verão a temperatura ronda os 30°C e no inverno faz frio e chove com alguma frequência. A nossa turma é constituída por 20 alunos, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Com idades compreendidas entre os 8 e 11 anos. A nossa língua materna é o português, mas também aprendemos inglês. [...] Na cidade existe um centro comercial que se chama “Parque Atlântico” onde há lojas de comércio e restauração. A nossa comida é muito saborosa e temos pratos típicos como o polvo assado e guisado, a carne assada e o tradicional cozido das Furnas feito nas caldeiras. No que se refere às nossas brincadeiras, os meninos gostam de jogar à bola e as meninas gostam de brincar às apanhadas e de saltar à corda. A nossa equipa de futebol preferida é o Benfica. Nós não brincamos na rua, mas sim em parques infantis. Na nossa turma, os alunos não conheciam Florianópolis, mas vamos pesquisar para passar a conhecer melhor.

Da mesma forma ocorreu com as demais turmas envolvidas. As correspondências tornaram a temática sobre os Açorianos em Santa Catarina e Florianópolis mais significativa, as crianças puderam reconhecer semelhanças e diferenças quanto à linguagem, à cultura, à geografia e à história de ambos os lugares.

Os projetos de docência culminaram na IV Mostra Cultural e Pedagógica “Açores, Santa Catarina, Florianópolis – histórias e culturas entrecruzadas”, realizada em 19 de outubro de 2017. Houve uma intensa mobilização das estagiárias e professoras junto aos estudantes, famílias e pessoas da comunidade na organização de atividades que representassem costumes, tradições e cultura alusivos à vinda e permanência dos açorianos para o estado de Santa Catarina e o município de Florianópolis^{viii}, resultando num circuito de oficinas e vivências: rendas e rendeiras: entre pontos e histórias, contou com a participação de senhoras rendeiras da Lagoa da Conceição e da Praia do Forte; Brincadeiras da Ilha de Santa Catarina, sob a coordenação da professora de Educação Física e estagiárias; Plantas da Ilha de Santa Catarina, organizada por um conhecedor das plantas da Ilha de Santa Catarina, morador da Lagoa da Conceição; Saberes e sabores da culinária dos descendentes de açorianos: Tradições e reinvenções, organizada por estagiárias, com base em pesquisas sobre a culinária e com a participação de pais; A prática da pesca, com exposição de artefatos da pesca artesanal, tradição apresentada por parentes das crianças do CA-UFSC; Modelagem em argila em que, além da demonstração da modelagem com o uso do torno na prática da olaria, as crianças puderam conhecer e praticar a técnica, sob a coordenação de convidadas externas. A prática do tear, exibida em seus detalhes com a prática da tecelagem e suas diversas técnicas e usos ainda permanentes em algumas de nossas comunidades. E ainda a exibição de vídeos com o tema “Engenhos da Ilha de Santa Catarina” e a sessão de histórias nomeada “A Ilha de Santa Catarina em contos”, sob a coordenação de professoras do CA-UFSC e com auxílio das estagiárias e bolsistas. Além dessas atividades, foram realizadas exposições dos trabalhos e uma apresentação teatral intitulada “Histórias de Assombração – Bruxas” inspirada em uma narrativa mítica de Franklin Cascaes, ambas organizadas com as crianças e as estagiárias.

Trabalhos dessa natureza estreitam os laços, nos fortalecem como pessoas e profissionais, reafirmam a importância do trabalho colaborativo entre universidades, instituições escolares e comunidade no processo de formação docente, bem como ajudam a “desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançosos ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo” (FREIRE, 1992, p. 11).

Ademais, a formação de professores demanda uma ação colaborativa, carregada de esperança, entre universidade e escola. É fundamental que os rituais formativos se estabeleçam na ordem da pluralidade, da diversidade e da colaboração, como afirma Nóvoa (2017, p.18):

Hoje, sabemos que é na colaboração, nas suas potencialidades para a aprendizagem e nas suas qualidades democráticas, que se definem os percursos formativos. O espaço universitário é decisivo e insubstituível, mas tem de se completar com o trabalho no seio de comunidades profissionais docentes. A profissão docente está a evoluir, rapidamente, de uma matriz individual para uma matriz colectiva.

Assim, os estágios curriculares podem representar novas possibilidades, de uma perspectiva aplicacionista de formação para a constituição de uma rede de interlocuções na qual todos os envolvidos participam antes, durante e após o desenvolvimento das práticas.

4. Considerações finais: estágio supervisionado – um projeto emancipatório possível?

Quando as acadêmicas observam a aula, fazem seus relatos, debatem com as professoras (orientadora e supervisora) e estas fazem uma mediação para promover a reflexão crítica, a compreensão do processo e a tomada de decisão. Quando os relatos chegam às mãos das professoras dos anos iniciais, já é um debate mais elaborado e não simplesmente de alguém que chegou, “viu” e tentou (ou não) relacionar com uma questão teórica superficial e descontextualizada, muitas vezes, estudada nas disciplinas durante o curso de graduação.

Do planejamento à elaboração do plano de estágio, houve estudos, produção de textos, debates, atividades de observação, registro e reflexão sobre a prática e os componentes curriculares dos Anos Iniciais. Nesse período, destacamos a escrita dos relatórios parciais, escritos diariamente pelas acadêmicas de uma forma híbrida entre a linguagem formal de um relatório e os registros subjetivos – mais informais e mais próximas a um diário pessoal. A riqueza desse trabalho é, sem dúvida, a possibilidade do processo de problematização da prática e dos fundamentos teóricos e metodológicos que guiam aquela ou outra situação de aprendizagem disponibilizada para as crianças.

Da produção dos projetos de docência e dos cadernos de aprendizagem, os/as acadêmicos/as em orientação permanente e imersa em uma ação mediada elaboraram uma proposta inicial que, submetida previamente ao corpo docente da instituição, qualifica ainda

mais o ensino, conseqüentemente, resultando em aprendizagens, socializações e sentidos fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, em sua dimensão histórica e cultural: intelectual, afetiva, emocional, social, política, histórica etc.

Diante do exposto, com base nos estudos realizados e nas nossas experiências como profissionais, cuja referência para atuação profissional, pesquisas e reflexões é a formação docente, entendemos que urge: (1) pensar nas reformulações de currículo abrangendo os campos de estágio; (2) criar condições materiais para a promoção do envolvimento mais efetivo de docentes de ensino superior com os estágios supervisionados e práticas docentes no Ensino Fundamental, Anos Iniciais, em instituições de Educação Básica tanto municipais quanto estaduais; (3) promover parcerias efetivas, com base em projetos comuns/integrados; e, finalmente, (4) adotar a perspectiva da co-docência e co-formação na realização dos projetos de ensino, pesquisa e extensão que envolvam escola e universidade.

Estamos vivendo um tenso e intenso momento histórico da/na educação pública no país, porém, a própria história nos ensina e continuamos a acreditar que a nossa trajetória e a esperança são molas propulsoras para reflexão crítica e propositiva – horizontes teóricos e metodológicos para o diálogo e a construção de parcerias entre as agências formadoras e as escolas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais. **Formação Superior para a Docência na Educação Básica**. Brasília: Secretaria de Educação Superior – SESU. Disponível em:<<<http://portal.mec.gov.br/inicio/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>>>. Acesso em: ago. 2017a.

BRASIL. **Lei nº 11.788/2008**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 25 de setembro de 2008; 187^o da Independência e 120^o da República. Disponível em: Acesso em: ago. 2017b.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – CA/UFSC. **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis: CA-UFSC, s/d. (em discussão)

COUTO, Mia. **Contos do nascer da Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DESGAGNÉ, Serge. **Réflexions sur le concept de collaborative**. Les Jounées du CIRADE. Centre Interdisciplinaire de Recherche sur l'Apprentissage et le Développement em Éducation - Université du Québec à Montreal, octobre –1998. Tradução Livre de Adir Luiz Ferreira. Natal: novembro de 2003.

De um projeto de estágio curricular supervisionado à co-docência e co-formação no Colégio de Aplicação da UFSC

FREIRE, Madalena. **Planejamento. Sonhar na ação de planejar.** In: FREIRE, Madalena et al. Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão. Instrumentos Pedagógicos II. São Paulo: s.e., 1997, p.54-58.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livros, 2008.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise. São Paulo: Boitempo, 2016. (Tinta vermelha)

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do Ensino Fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. In: **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos.** v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010.

SHULMAN, Lee S. Knowledge and Teaching Foundations of the New Reform, a Harvard Educational Review, v. 57, n. 1, p. 1-22, primavera 1987 (Copyright by the President and Fellows of Harvard College). Traduzido e publicado com autorização. Tradução de Leda Beck e revisão técnica de Paula Louzano. In: **Cadernos Cenpec.** São Paulo. V.4, n.2, p.196-229. Dez. 2014.

NÓVOA, António. Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente. IN: **Cadernos de Pesquisa.** v.47 n.166 p.1106-1133 out./dez. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Prof.Edison/Downloads/N%C3%B3voa%202017-1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Prof.Edison/Downloads/N%C3%B3voa%202017-1%20(1).pdf) . Acesso: ago. 2019.

Notas

ⁱ Previsto nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, podendo ser obrigatório ou não-obrigatório, o estágio é concebido como um “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular [...]. Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma”. (BRASIL, 2008, Art. 1º; Art. 2º).

ⁱⁱ Entendemos por co-docência o ensino realizado por meio de um regime colaborativo entre pares no interior da sala de aula, ou seja, as professoras da educação geral e as professoras da educação especial nos anos iniciais atuam de modo integrado, colaborativo e complementar. Implantado no Colégio de Aplicação da UFSC desde a construção e implementação da Proposta de Educação Inclusiva, a co-docência é resultado de amplo debate acerca do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Ensino Fundamental – Anos iniciais, e da Reforma Curricular (CA-UFSC, s/d). É nesse processo que ocorre a co-formação, ou seja, professoras e estudantes de ambas as instituições, da educação básica e do ensino superior, aperfeiçoam suas capacidades humanas. Sobre essa temática, discutiremos mais adiante.

ⁱⁱⁱ Quando se tratar das profissionais que trabalham com o ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, usaremos o termo professoras tendo em vista que, no universo a ser abrangido, observamos a presença exclusiva de mulheres. Nos demais casos, principalmente nas referências, usaremos professores respeitando as palavras dos autores. Ao nos referirmos às estudantes estagiárias também usaremos no feminino pelas razões já mencionadas.

^{iv} Para apresentar este Projeto de Estágio Docente, utilizamos os seguintes critérios: ter envolvido todas as turmas do ensino fundamental, anos iniciais, do CA-UFSC, do turno matutino (4º e 5º anos); ter integrado uma das edições da Mostra Cultural e Pedagógica dos Anos Iniciais do CA-UFSC, no período de 2016 a 2018; ter estabelecido relação com instituições estrangeiras de ensino superior e da educação básica.

^v As turmas de 4º e 5º ano (desde 2014) e as turmas de 3º ano (desde 2016) têm uma organização curricular pluridocente, isto é, cada área do conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Humanas e da Natureza) fica a cargo de uma professora com formação em Pedagogia. Cada turma estuda com três professoras diferentes e cada uma delas atua com a mesma área/disciplina em três turmas. A partir de 2017, tem-se nos Anos Iniciais uma professora pedagoga responsável por desenvolver a Literatura Infantil no contexto da narração, produção de textos orais e de contação de histórias com todas as turmas por meio do componente curricular Literatura Oral, que marca o reconhecimento da importância da prática da Roda de Histórias e da cultura oral no CA/UFSC.

^{vi} Franklin Cascaes nasceu em 1908 na Praia de Itaguaçu - hoje pertencente ao município de Florianópolis. Por mais de quarenta anos se interessou, pesquisou e registrou aspectos da cultura, costumes e tradições dos habitantes da Ilha de Santa Catarina, especialmente sobre os descendentes de açorianos, o que resultou em um vasto conjunto de obras artísticas e literárias.

^{vii} Trata-se da Profa. Dra. Maria Isabel Dias Carvalho Neves Cabrita Condessa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/U. Açores e pesquisadora do CIEC - Instituto de Educação/U. Minho.

^{viii} Importante ressaltar que o trabalho ocorreu devido a uma junção de ações coletivas e solidárias entre professoras, familiares, Associação de pais e professores (APP), estudantes-bolsistas, estagiárias e crianças - que, além de participarem, em muitos casos, foram agentes de contato com pessoas conhecidas e familiares que pudessem contribuir com a Mostra Cultural.

Sobre as autoras

Jilvania L. S. Bazzo

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino (MEN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFSC, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada à área de Didática. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e suas multidimensões - GEPDiM. E-mail: jilvania.bazzo@ufsc.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8000-9130>

Lara Duarte Souto-Maior

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE/UFSC, vinculada ao grupo de pesquisa Patrimônio, Memória e Educação - PAMEDUC. Professora do Colégio de Aplicação da UFSC. E-mail: lara.duarte@ufsc.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8950-734X>.

Alba Regina Battisti de Souza

Pós-Doutora em Educação. Professora do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação da FAED/Udesc, vinculada ao Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente - GPDD. E-mail: alba.faed@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1361-2626>.

Recebido em: 20/08/2019

Aceito para publicação em: 18/09/2019